



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10157 - Resumo Expandido - Pôster - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

PARA ALÉM DAS PAREDES DA SALA DE AULA: A EDUCAÇÃO BIOFÍLICA PARA BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENINAS.

Dulce Cornetet dos Santos Pomilio - UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Carlos Sousa Reis - Universidade de Coimbra

Para Além das Paredes da Sala de Aula: a educação biofílica para bebês e crianças pequenas.

Esse artigo aborda o enclausuramento das infâncias em escolas de Educação Infantil e a busca por práticas pedagógicas desemparedadoras, com crianças de 0 a 6 anos.

O artigo descreve, subsequentemente, uma Investigação-Ação, que teve como ponto de partida a formação de 100 educadores de escolas municipais, em Campinas, São Paulo. Na base teórica, os autores, tiveram em consideração a referência a pensadores como Foucault, Deleuze, Guattari, Freire, Boff, Zabalza, Morin, Capra, Martusewicz, Lupinacci e teóricos da educação da infância como Dewey, Freinet, Montessori, Malaguzzi e Tiriba. O processo abriu a análise de boas práticas desemparedadoras, no Brasil e no exterior, e a introdução do debate dos temas da infância, biofilia, antropocentrismo, consumismo, preservação ambiental, cuidado, pertencimento e relações de interdependência. Na ação seguinte, um grupo de 5 professores buscará construir propostas de práticas desemparedadoras, potencialmente exequíveis. Os professores disponibilizarão percepções, planejamentos e registros de campo durante um ano letivo. A partir do que Freire (1992) denominou “inéditos viáveis”, produzirão um currículo biofílico nas realidades onde atuam. Espera-se contribuir para a ampliação da valorização das aprendizagens fora dos espaços entre-paredes, ofertar aos bebês e crianças pequenas maior contato com a natureza, tempo de liberdade e criação, melhor qualidade de vida no tempo de permanência na escola e debater sobre uma outra escola possível, que valorize mais toda forma de vida.

Palavras Chave: – Educação Infantil – Desemparedamento – Criança e Natureza – Educação Biofílica - Práticas Pedagógicas.

Essa pesquisa nasceu poucos meses antes do início da crise provocada pelo Corona Vírus. Ganhou relevância no momento em que a incerteza do futuro pauta discussões sobre os valores que acreditamos essenciais para a sociedade humana, sobre o planeta que deixaremos para as futuras gerações e em qual modelo de sociedade gostaríamos que elas crescessem. O isolamento social, também, ocasionou reflexões acerca das consequências do confinamento da infância e das possibilidades das escolas desemparedarem o cotidiano.

A investigação surgiu do desconforto de conviver com crianças que permanecem em espaços fechados nas escolas de Educação Infantil, por até 11 horas diárias, vivenciando pouquíssimos momentos de liberdade ao ar livre. Partiu-se da hipótese de que a escola pode propiciar aprendizagens em espaços abertos, numa relação integrada e sistemática com o próprio entorno, incluindo a natureza e os espaços humanizados, ao ar livre, por meio de vivências lúdicas, sensíveis, solidárias, alteritárias e humanizadoras.

A revisão de literatura sobre os efeitos que isso pode provocar na saúde humana, nas relações econômicas e sociais, na vida no planeta abriu um leque de opções de investigação. A escolha foi pesquisar sobre possibilidades, sobre a viabilidade de uma escola que priorize as aprendizagens em espaços abertos e com as diferentes formas de vida.

A constatação de que a escola enclausura as crianças não é inédita, nem recente. Tiriba (2005) apontou que “embora a maioria das crianças passe aqui um tempo médio diário que varia entre 8 e 10 horas diárias, não é tão simples que desfrutem do prazer de estar ao ar livre”.

O conceito de desemparedamento, anunciado por Lea Tiriba, no início do século XXI, é, aqui, tratado como prática educativa para liberdade. Por seu lado, também, Veiga Neto (2008) trouxe de Foucault a ideia de que a escola sequestra a criança de seu convívio familiar e molda sua conduta, disciplina seus corpos, pois um corpo dócil é mais produtivo.

Para Tiriba (2005, 220), “A escola, enquanto instituição nascida num contexto de emancipação/regulação que é própria da sociedade industrial moderna, contribui de forma significativa para a reprodução de um modo de produção e de subjetivação que é maléfico.” .

O emparedamento produz fragmentação do conhecimento, pois as aprendizagens não acontecem no contexto natural, nos espaços de vida, na relação direta com o mundo vivo.

“As crianças aprendem a conhecer objetos isolando-os, quando seria preciso, também, recolocá-los em seu meio ambiente para melhor conhecê-lo, sabendo que todo o ser vivo só pode ser conhecido na sua relação com o meio que o cerca, onde vai buscar energia e organização” (Morin, 1995, apud Aranha, 2011, 281).

No momento em que a devastação do planeta avança, motivada pelo consumo, produção e lucro, oportunizar às crianças uma educação biofílica pode ser uma forma de oferecer aprendizagem, cuidado e acolhimento a que elas têm direito, de maneira natural, respeitando as infâncias, seus ritmos, características e interesses.

Na obra “A Anatomia da Destruição Humana” (1973), Erich Fromm descreveu a biofilia como uma paixão por tudo que é vivo e afirmou que para o biófilo “ser” é mais importante que “ter” e que o risco vale mais que as certezas. Para Fromm, o biófilo não fragmenta o mundo nem coisifica pessoas. Prefere a paixão pela vida do que cada novidade “recém embalada”.

Martusewicz et al. (2015) problematizaram a educação que fortalece a visão antropocêntrica na qual a natureza está a serviço do humano, como se o homem não fosse parte integrante e constituinte dela, mas tivesse supremacia sobre as outras espécies. Ressaltaram que o modo dominante, de ser e estar no mundo capitalista e consumista, depende do encantamento da desconexão e da hiper-fragmentação. A visão antropocêntrica poderia ser problematizada, segundo Capra e Barlow (2014), se as crianças pudessem vivenciar, nas escolas, as relações de interdependência, a organização dos ecossistemas e perceber as relações desses com a organização dos sistemas sociais, como acontece em

culturas indígenas.

Se considerarmos o Desemparedamento, como um conceito Deleuziano (2020), que se define pela inseparabilidade de alguns componentes: corpo, espaço, tempo, liberdade, autoria, criação, natividade e natureza, podemos ter nesse conceito uma proposta de educação biofílica.

A investigação-ação, desenvolvida no estudo, convidou um grupo de cinco professoras, a construir um planejamento no qual as experiências das crianças pré-escolares aconteçam prioritariamente em espaços abertos e em contato com a vida em seu contexto natural, com o corpo inteiro e nas situações cotidianas e significativas. Tomando como referência Dewey, Freinet, Montessori, Malaguzzi e Tiriba, as professoras propõem práticas desemparedadoras para oportunizar às crianças observarem, interagirem, conhecerem, compreenderem o funcionamento do mundo natural e social, criarem vínculos e cuidarem.

A pesquisadora acompanhará as participantes da pesquisa durante o período de um ano letivo. Nesse interim serão compartilhados, analisados e discutidos coletivamente, os planejamentos, os registros e as percepções registradas nos diários de campo objetivando perceber a existência de possibilidades de ampliar o estado de associação da “sala de aula” com o meio envolvente.

Num movimento de ação-reflexão-ação, adequado à metodologia da investigação-ação serão vivenciadas práticas já realizadas dentro e fora do Brasil e criadas novas propostas educativas viáveis às realidades das participantes. Isso acontecerá na perspectiva, freiriana, de inéditos viáveis, que busca no protagonismo dos oprimidos uma possibilidade de transformar as relações de opressão. Buscará encontros do novo com aquilo que é possível, que já existe, com a intenção de compartilhar possibilidades, de esperar crianças, professores e pais. Num momento em que a vida e a alegria precisam ganhar potência e visibilidade, a escola precisa resistir, como sugere Biesta (2018), àqueles que se servem de uma política necrófila, sem alegria, sem renovação da espécie.

Referências Bibliográficas

ARANHA, M. L.A. **História da educação e da Pedagogia: geral e Brasil**. São Paulo: Moderna, 2006.

BIESTA, G., & Picoli, B.A. (2018). “**O dever de resistir: sobre escolas, professores e sociedade**”. Na Revista Educação, 41(1): 21-29. <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2018.1.29749>.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **O que é filosofia**. São Paulo: Editora 34, 2020

FREINET, C. **Pedagogia do Bom Senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 245 p.

FROMM, E. **The Anatomy of Human Destructiveness**. New York: Openroad Integreat Media, 1973.

GADOTTI, M. **A Escola dos Meus Sonhos**. São Paulo: Editora Instituto Paulo Freire, 2019.

MARTUSEWICZ, R. et al. **Ecojustice Education, Toward Diverse, Democratic**. New

York: Routledge, 2015.

STONE, M.K., BARLOW, Z. (orgs). **Alfabetização Ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. 11. Ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

TIRIBA, L. **Educação Infantil Como Direito a Alegria**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
_____. **Pré-Escola Popular: buscando caminhos, ontem e hoje**. São Paulo: Cortez, 2018.

_____. **Crianças, Natureza e Educação Infantil**. Tese de Doutorado em Educação - PUC. Rio de Janeiro. 2005

VEIGA NETO, A. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.